



**CECULT UFRB**  
Centro de Cultura, Linguagens  
e Tecnologias Aplicadas

**Universidade Federal do Recôncavo da Bahia**  
**Bicult – Bacharelado Interdisciplinar de Cultura, Linguagens e**  
**Tecnologias Aplicadas**

**RUÍNAS DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS**  
**PRETOS: Uma viagem histórica e cultural da cidade de Santo Amaro**

**Simone Ferreira Souza**

**Santo Amaro - BA**  
**Fevereiro/2019**

**Simone Ferreira Souza**

**RUÍNAS DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS  
PRETOS: Uma viagem histórica e cultural da cidade de Santo Amaro**

Artigo apresentado ao Centro de Cultura,  
Linguagens e Tecnologias Aplicadas da  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia,  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel Interdisciplinar de Cultura,  
Linguagens e Tecnologias Aplicadas.

Orientador: Professor Dr. José Marcelo Dantas dos Reis

**Santo Amaro - BA  
Fevereiro/2019**

**Simone Ferreira Souza**

**RUÍNAS DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS:  
Uma viagem histórica e cultural da cidade de Santo Amaro**

Artigo apresentado ao Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel Interdisciplinar de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2019

BANCA EXAMINADORA

---

(Orientador) Prof. Dr. José Marcelo Dantas dos Reis  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Prof. Dr. Jorge Luiz Ribeiro Vasconcelos  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elízia Cristina Ferreira  
Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

# **RUÍNAS DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS: Uma viagem histórica e cultural da cidade de Santo Amaro**

Simone Ferreira Souza<sup>1</sup>  
Orientador: Prof. Dr. José Marcelo  
Dantas dos Reis<sup>2</sup>

## **RESUMO**

A presente pesquisa foi desenvolvida na cidade de Santo Amaro da Purificação, situada no Recôncavo da Bahia, cerca de 71 quilômetros de distância da capital Salvador. A escolha do tema surgiu a partir de uma inquietação buscando, além de conhecer a origem da Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, compreender possíveis causas que fazem a capela permanecer no anonimato referencial, cultural e histórico da cidade de Santo Amaro. Abordarei os critérios necessários para transformar a construção multissecular em patrimônio cultural, levando em consideração que para falarmos da formação de Santo Amaro, muitas vezes, teremos que mergulhar nas lembranças longínquas da colonização que acabam nos levando para história da capela do Rosário que, guarda consigo um marco de domínio colonizador, luta, sangue e, sobretudo, de resistência e afirmação na formação do seu povo, através da sua cultura, da sua religião e dos seus costumes. Desenvolverei possibilidades de vertentes que norteiam a história da capela do Rosário dos Pretos baseada em publicações e livros antigos, conversas com historiadores, moradores da cidade e do bairro e pesquisa *in loco*.

Palavras-chave: monumento cultural; história; memória; preservação.

## **ABSTRACT**

This research was conducted in Santo Amaro da Purification, located in the Reconcavo of Bahia, about 71 kilometers away from the capital Salvador. The choice of theme came from an uneasiness seeking, in addition to knowing the origin of the Chapel of Our Lady of the Rosary of the Blacks, understand possible causes that make the chapel remain in reference anonymity, cultural and historical city of Santo Amaro. Will discuss the criteria needed to transform centuries-old building in cultural heritage, taking into account that to speak of Santo Amaro training often we have to dive into the distant memories of colonization that end up taking us to the history of the Rosary Chapel that keeps it a landmark of settler domination, fighting, blood, and above all resistance and affirmation in the formation of its people, through their culture, their religion and their customs. Will develop possibilities of aspects that guide the history of the Rosary Chapel of the Blacks based publications and books, conversations with historians, residents of the city and the neighborhood, and research on the spot.

Keywords: cultural monument; story; memory; preservation.

---

<sup>1</sup>Simone Ferreira Souza: Graduanda do curso de Bacharelado Interdisciplinar de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – Cecult – UFRB; e-mail: Simoneferreirasouza77@gmail.com.

<sup>2</sup>Orientador: Doutor José Marcelo Dantas dos Reis, professor no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – UFRB; e-mail: mdantas50@gmail.com.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
JUSTIFICATIVA.....	7
OBJETIVO.....	7
PROCESSOS METODOLÓGICOS.....	7
CAPÍTULO I.....	8
ORIGEM E HISTÓRIA DA CAPELA DO ROSÁRIO.....	8
1.1 SÍNTESE SOBRE O SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DOS MONUMENTOS E PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS: a importância para a humanidade.....	11
1.2 A CAPELA COMO MONUMENTO SECULAR: conhecer a história para preservar a memória.....	13
CAPÍTULO II.....	15
AS RUÍNAS DA CAPELA DO ROSÁRIO NO CONTEXTO DA VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DA CIDADE.....	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
COLABORADORES:.....	23
ANEXOS.....	24
APÊNDICES.....	26

## INTRODUÇÃO

Desde o início do meu curso (Bicult), em 2015, eu explanei o interesse pelo tema correspondente à história das Ruínas da Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. A ideia inicial era debruçar apenas na gênese e no papel colonizador da capela para com os primeiros povos indígenas. A minha pesquisa abrangeria apenas dois fatores: o de pertencer à comunidade e o outro de não conhecer a história que circundava a capela.

Com o avanço dos estudos, percebi que poderia explorar muito mais a minha ideia, resolvendo investigar sobre a importância dos monumentos e patrimônios históricos e culturais para formação identitária, memorial e afetiva de uma comunidade e sociedade.

Antes de começar a narrar os resultados apurados da pesquisa, farei um relato pessoal do meu primeiro contato visual, memorial e afetivo com a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Quando eu era criança, toda vez que viajava com a minha mãe de ônibus, eu sempre sentava do lado da janela, não era por acaso, aquela janela era para mim um portal rumo à minha imaginação. Por inúmeras vezes, através daquele ‘portal’, eu vislumbrava as paisagens, lá no segundo plano eu via uma ‘igrejinha’ que chamava muito a minha atenção e no limite da minha cognição sumária me perguntava – “Como pode existir uma igreja no meio do mato? Deve ser um castelo e tem uma princesa vivendo ali escondida cheia de ouro”. – Eu queria muito ser aquela princesa, mesmo achando que aquele castelo era feio e tinha os seus tijolos à mostra. Era igual a parede da minha casa, mas tinha um formato diferente e isso chamou a minha atenção. Eu cresci, o tempo foi passando e a minha imaginação deu lugar a uma conflituosa realidade sobre a história daquele lugar, que por diversas vezes, através dela, fiz viagens inesquecíveis. Aquela ‘igrejinha’ era na verdade, o primeiro sinal de como nasceu à cidade de Santo Amaro.

Numa escritura de venda passada em 1700 ao Dr. José Pires de Carvalho Albuquerque por D. Ana Maria Franco Côrte Real, filha ou neta do antigo navegador Côrte Real, de um encapelado de Nossa Senhora do Rosário, hoje Têrmo de Santo Amaro, consta que nos anos de 1600 e tantos, os jesuítas fundaram uma Capela em louvor à Virgem do Rosário para o que compraram terras à margem do rio Traripe, sendo está capela o primeiro estabelecimento no Recôncavo da Bahia. Nêsse mesmo local foi criado, conjuntamente, uma

povoação por ser essa localidade bastante arejada, [...]. (LEAL, 1964, p. 16).

## **JUSTIFICATIVA**

Geralmente, as pessoas vivem nos objetos e atribuem a sua essência a eles, no momento que esses objetos deixam de existir, esvai com eles a sua história. No caso das ruínas da capela do Rosário, se faz necessário manter a sua história viva, levando em consideração o dano memorial que está ocorrendo com o cerceamento da história. O ser humano, em geral, costuma criar um elo com objetos que servem de testemunho da sua história, seja de forma coletiva ou individual, rememora, ou seja, revive a sua identidade e a sua existência, reflete “porque está ali e para onde vai (?)”. Essas manifestações ocorrem através dos monumentos, responsáveis pela memória física, pela afetividade e comportamentos morais e religiosos, caracterizados pela herança intangível que os monumentos representam.

## **OBJETIVO**

Conhecer e valorizar a herança histórica, monumental, identitária e cultural da cidade, fazendo uma análise da história da capela e identificar junto às autoridades do município, possíveis políticas públicas envolvendo projetos de revitalização feitos anteriormente ou que se proponham desenvolver acerca das ruínas da capela e seu entorno. Diante disso, opinarei sobre hipóteses de preservação e revitalização para transformar a capela em uma rota turística e, futuramente, em um patrimônio cultural.

## **PROCESSOS METODOLÓGICOS**

Como método de desenvolvimento da pesquisa, no campo do conhecimento científico, além da minha pesquisa *in loco*, foram feitas entrevistas presenciais com historiadores, representante do conselho municipal de cultura, gestores e autoridade eclesiástica da cidade; pesquisas em publicações e livros antigos que contam histórias do surgimento da cidade, tais como *Memória Sobre o Estado da Bahia* (1893) de Francisco Vicente Vianna e *Memória Histórica-Geográfica de Santo Amaro* (1977) de Pedro Tomás Pedreira e com leitura dos livros “*A alegoria do Patrimônio*” e “*O patrimônio em questão: antologia para um combate*”, ambos da escritora Françoise

Choay, indicados pelo meu orientador, professor Dr. Marcelo Dantas. Nesses livros, Choay expõe análises e histórias dos surgimentos, destruições e preservações dos monumentos e patrimônios culturais, arquitetônicos e urbanísticos, reunindo de forma antológica pontos de vistas de grandes intelectuais das artes. Para enriquecê-la no campo do conhecimento popular, foram feitas entrevistas com alguns moradores antigos da cidade e do bairro que guardam consigo conhecimentos atinados ao meu objeto de pesquisa. Ela foi desenvolvida por meio teórico qualitativo, pois a construção da mesma foi feita através dos relatos dos colaboradores entrevistados.

Na minha narrativa levo em consideração dois valores fundamentais sobre a minha pesquisa: o histórico, que contará sobre a chegada dos colonizadores, – os jesuítas em questão e o predomínio dos mesmos na região – e o monumental, que narrará alguns desafios de manter os monumentos arquitetônicos conservados e revitalizados, em particular as Ruínas da Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e das possíveis políticas públicas de revitalização para restauração e preservação do monumento.

## **CAPÍTULO I**

### **ORIGEM E HISTÓRIA DA CAPELA DO ROSÁRIO**

Em meados do século XVI, atracou às margens do Rio Traripe, na localidade do Pilar, um barco com um grupo de padres jesuítas com o propósito de desbravarem novas terras, o local já era povoado por alguns grupos étnicos indígenas. Francisco Vicente Vianna em “*Memoria Sobre o Estado da Bahia*” (1893, p. 464 - 465) descreve que a região santamarense habitava índios Abatirás, no entanto, Pedro Tomás Pedreira, em seu livro “*Memória Histórica-Geográfica de Santo Amaro*”, faz uma ressalva sobre essa afirmação destacando escrituras daquela época que indicavam que a região de Santo Amaro foi povoada por índios de outras etnias. Pedreira (1977, p.3) expõe que: “Entretanto informações da época, principalmente escrituras de terras e cartas do jesuíta José de Anchieta, indicam ali existirem “pitiguaras” e “carijós”, e antes, por volta de 1562, indígenas “caetés”. Contudo, eles convergem acerca do reconhecimento da existência dos gentios como sendo os primeiros nativos das terras santamarense.

O local onde os jesuítas se instalaram era composto pelo rio Traripe, que resistiu ao progresso, sobrevivendo à evolução dos séculos, uma extensa floresta e uma terra fértil e argilosa, o massapê. Os padres jesuítas presumiram o local perfeito, montando uma estrutura naquela localidade, principalmente, a construção de uma capela que consistia na parte preponderante da missão<sup>3</sup>, conforme descrito por Vianna (1893, p. 464 - 465) “[...] os jesuítas fundaram uma capella de Nossa Senhora do Rosario á margem do Traripe, [...], coberta de frondosas mattas onde ainda não tinha chegado a mão civilizadora da Europa”. Tinham como meta ambientar os nativos à cultura europeia, catequisando e civilizando-os, ou seja, impondo a eles à fé católica e ao trabalho com o objetivo de submergi-los em mãos de obra escrava. Seus princípios doutrinários, no entanto, eram passivos, pois, ao contrário dos demais colonos que usavam da violência para escravizá-los, os jesuítas, por sua vez, se utilizavam de métodos de persuasão, de convencimento sobre a sua fé, o seu modo de agir e sua posição hierárquica perante eles.

A princípio, a chegada dos jesuítas não teria sido bem aceita perante os índios, mas, aos poucos, os padres foram tomando espaço e domínio e, apesar do templo servir de local de culto e celebrações dos senhores de engenhos, a construção daquela capela tinha, sobretudo, um caráter estritamente colonizador para os índios que, por sua vez, não se conformavam com tais situações como evidencia Vianna (1893, p. 465) ao dizer que “por dissensões particulares proprias d'aquellas epochas, irritaram-se os moradores da dita povoação contra seu sacerdote, [...]”.

A localidade do Pilar era povoada próximo ao rio Traripe com construções de engenho e de uma igreja que levava o nome de Nossa Senhora do Pilar<sup>4</sup>, conforme narrado por Pedreira (1977, p.8): “No território que hoje constitui o município de Santo Amaro, ainda outras sesmarias foram concedidas: em 23 de janeiro de 1573 ao Governador Geral, D. Luís de Brito e Almeida; outra, no mesmo ano, a Antônio Dias Adorno (margens do rio Traripe)”.

Apesar do intuito dos padres jesuítas quanto ao tratamento aos índios fossem de cunho civilizatório para explorá-los através da mão de obra escrava, criou um vínculo entre eles, ainda mais porque os padres dependiam daqueles índios e maltratá-los não estavam no roteiro da missão.

Os senhores de engenhos vendo que os padres mantinham uma relação passiva com os nativos (embora, eventualmente, as dissensões entre eles se fizessem presentes),

---

<sup>3</sup> Missão: aldeamento indígena criado pelos padres jesuítas no período colonial a partir do século XVI.

<sup>4</sup> Por volta de 1950 ainda existiam as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Pilar. Atualmente está localizada a Escola Municipal Luís Eduardo Magalhães.

entravam em conflito com os padres e, muitas vezes, os índios catequisados eram raptados por esses senhores para trabalharem nas suas terras.

Em um determinado momento, por uma questão de rivalidade, um índio (ou um grupo deles, presume-se)<sup>5</sup> matou um padre dentro daquela capela. As informações apontam que os índios se revoltaram por questões políticas de terras e acabou culminando com a morte de um padre que, provavelmente, tenha tomado posição adversa aos gentios e a favor dos senhores de engenhos.

É sabido, contudo, que foi esta igreja, ou melhor capela, ([...], em terras da fazenda Nossa Senhora do Rosário e às margens do rio Traripe), construída pelos Jesuítas, donos das referidas terras naquela época, e serviu de sede provisória à Freguesia de Nossa Senhora da Purificação quando, em 1678, saiu ela de sua primitiva sede no Engenho do Conde, então pertencente aos mesmos padres. E nela foi assassinado o Vigário, [...]. (PEDREIRA, 1977, p. 30)

Depois da morte do padre, a população daquela localidade não queria mais assistir as missas por conta, supostamente, de maldições que rondariam aquela capela devido o assassinato do vigário, conforme Pedreira (1977, p. 10) relata: “Nessa capela (cujas as ruínas podem ser vistas, ainda, a entrada da cidade, no Pilar) construída também pelos jesuítas que aí possuíram o Engenho do Rosário, foi o vigário assassinado quando celebrava a Missa, ficando assim profanado o pequeno templo”.

Dos resquícios dos primeiros nativos habitantes da cidade, restou a solitária ruína da capela do Rosário que guardam nas paredes marcas de sangue, luta e, sobretudo, de resistência de um povo que não admitia mais se curvar a uma crença e costumes de povos estrangeiros que traziam como bagagem o poder colonizador. Aquela capela denota o início da existência de uma população que desde cedo aprendeu a se proteger a duras penas, quem sabe até, muitas vezes, pagando com a própria vida.

---

<sup>5</sup> Não existe um dado exato nas literaturas pesquisadas a quantidade de índios que, supostamente, ceifaram a vida do vigário.

## **1.1 SÍNTESE SOBRE O SURGIMENTO E EVOLUÇÃO DOS MONUMENTOS E PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS: a importância para a humanidade**

O termo monumento vem do latim e significa ‘lembrar’, remetendo a ideia de ‘memória’ conforme definido por Choay (2011, p.12) “Ele deriva do substantivo latino *monumentum* fruto do verbo *monere*: “advertir” “lembrar à memória” [...]”. O monumento constitui qualquer construção com valor histórico na concepção humana em qualquer natureza, inviabilizando as construções substitutivas da memória dos mesmos. Podemos também dizer que monumento é toda evidência histórica de um povo ou sociedade que tem como objetivo manter viva a herança identitária com os seus antepassados por meio dos patrimônios, seja nas expressões culturais, nos artefatos, utensílios ou nas construções como a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, conforme evidencia Choay:

O monumento caracteriza-se, assim, pela função identificatória. Pela sua materialidade, ele intensifica a função simbólica da linguagem, corrigindo a sua volatilidade, e apresenta-se como um dispositivo fundamental no processo de institucionalização das sociedades humanas. Em outras palavras, ele tem vocação em ancorar sociedades humanas em um espaço natural e cultural, e na dupla temporalidade dos humanos na natureza. (CHOAY, 2011, p. 12).

O patrimônio histórico, por sua vez, expressa o conjunto de bens tangíveis e intangíveis conectados a memória monumental. A noção de patrimônio histórico está relacionada aos bens imóveis, como prédios e construções monumentais e valores simbólicos, conforme afirmado por Choay:

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem estimado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, construído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. (CHOAY, 2006, p. 11).

O surgimento dos monumentos históricos remonta de longas datas e tem origem europeia. No início do século XV, em Roma, a igreja católica já manifestava o interesse e apropriação com as grandes construções religiosas e o culto aos Deuses. Para os romanos, reverenciar tais monumentos era exercer um poder eclesiástico habitado

nos objetos de culto e consagração. Eles apropriavam-se das culturas e religiões gregas replicando-as, pois, para eles tais atitudes os designariam para a imortalidade. Contudo, há um evento que remonta do século IV, ainda em Roma, evidenciando a construção da Basílica de São Pedro que devido ao avanço dos estudos teológicos católicos foi preciso a destruição da basílica para a construção de outra mais de dez séculos depois, conforme expõe Choay ( 2011, p. 12) ao dizer que “na Europa, o mais antigo monumento da cristandade foi destruído no século XVI, por decisão do Papa Júlio II, para a construção de uma nova basílica, [...]”.

Na França, o marco histórico da conservação dos monumentos sobressai na Revolução Francesa, no final do século XVIII, teve caráter político com desejos de mudanças. Foram destruídos vários monumentos e objetos de artes, suscitando entre os cidadãos franceses a necessidade de preservação dos mesmos. Para tanto, no mesmo período foi organizado o Comitê de Instrução conforme exposto por Choay (2011, p. 19) “[...]: assim foi instaurado pela Assembleia Legislativa o Comitê de Instrução Pública em seguida à Comissão dos Monumentos, [...]”. O reconhecimento da cultura nacional dos monumentos franceses estava ligado diretamente à construção de identidade do país, com isso era conferido um poder político sobre os monumentos e obras de artes, conforme descrito no Comitê de Instrução Pública, destacado por Choay:

Os objetos devem servir à instrução e dos quais um grande número aos estabelecimentos suprimidos, merecem toda atenção dos verdadeiros amigos da pátria: encontra-los-emos nas bibliotecas, nos museus, nos gabinetes, nas coleções sobre as quais a República tem direitos; nos ateliês onde estão reunidos os instrumentos mais necessários às nossas necessidades; nos palácios e nos templos que decoram as obras primas das artes; em todos os lugares onde os monumentos retraçam o que foram os homens e os povos; em todo lugar, enfim, onde as lições do passado, fortemente impressas, podem ser recolhidas por nosso século, que saberá transmiti-la, com paginas novas, à lembrança da posteridade. (CHOAY, 2011, p. 96).

A importância de conservação dos monumentos no Brasil ocorreu no final da década de 30, mais precisamente, em 1937, no Governo Vargas, com a criação do Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) sendo a primeira instituição federal brasileira voltada à preservação dos patrimônios artísticos, promovendo tombamentos, com o intuito de promover o resgate da identidade e preservar a memória, conservando a história dos bens relacionados. Anos mais tarde, o órgão substituiu o nome para Iphan que continua com a mesma função de tombamentos a fim de preservar

os patrimônios de identidade, representativos numa comunidade, num estado ou país através dos bens móveis e imóveis.

A necessidade de se reconhecer através dos monumentos históricos culturais e dos objetos de artes atravessou os continentes, construiu civilizações, está presente em toda a humanidade afim de fortalecer a identidade traduzida em múltiplos aspectos, como físicos e morais: “Portanto, podemos concluir que o monumento, sob formas variadas, existe em todas as culturas e sociedades humanas. Aparece como um universal cultural” (CHOAY 2011 p. 12).

## **1.2 A CAPELA COMO MONUMENTO SECULAR: conhecer a história para preservar a memória**

Santo Amaro é uma cidade constituída por uma população, majoritariamente, negra e indígena, evidenciamos isso, principalmente, na questão das manifestações culturais, dos costumes e da religião que, aos poucos, infelizmente, foram se destruindo e mistificando a sua história. Em 1809, um capitão de milícias reporta ao seu superior, um episódio ocorrido com escravos de engenhos de várias nações africanas na vila de Santo Amaro, que se dividiram em grupos de acordo com suas nações e estariam celebrando a festa natalina. De acordo com Reis o relato dizia o seguinte:

vários escravos de todas as nações, e unindo-se em três corporações com muitos, desta vila, segundo a sua nação, formaram ranchos de atabaques, e fizeram os seus costumados brinquedos, ou danças, a saber, os geges, no sítio do Sergimirim, os Angolas, por detrás da Capela do Rosário, [...] e foram expectadores muito povo de toda a qualidade, e sexo, e sem que afinal houvesse tumulto, ou desordem se retiraram cada um ao seu domicílio, a tempo que os dois preditos ranchos, ou adjuntos de geges, e Angolas se tinham retirado com a noite, e se não sabe que estes se banquetassem, ou fizessem coisa notável”. (REIS, 1996, p. 1).

Nesse relato o capitão de milícias também informava que os negros angolas faziam suas celebrações nos fundos da capela do Rosário. Segundo Reis (1996, p. 3) — “Os angolas, seguidos dos crioulos, foram os mais antigos devotos de Nossa Senhora do Rosário na Bahia”.

Uma boa parte da população de Santo Amaro desconhece o valor histórico ocorrido a partir do século XVI, sobretudo, a riqueza da contribuição deixada pelos nossos ancestrais para o desenvolvimento do município e da sociedade. Hoje se

podemos dizer que existe a cidade de Santo Amaro, concernente a estrutura cultural, devemos agradecer essa contribuição aos índios e aos negros, no desenvolvimento econômico e agrário, na questão dos canaviais, do açúcar, dos engenhos, em relação aos negros, Santo Amaro herdou, sobretudo, a simbologia religiosa e culinária. É muito importante que toda essa herança ancestral seja resgatada e conservada de forma histórica.

Uma questão muito importante está especialmente, no nome da capela – “Nossa Senhora do Rosário dos Pretos” – em uma entrevista, ao ser questionado sobre a origem do nome da capela, padre Kleber, atual pároco da Igreja do Rosário, em Santo Amaro, fez o seguinte relato:

*“No Brasil, quando os colonos trouxeram os negros, eles construíram muitas igrejas, porém não as construíram para eles e sim para os brancos, senhores de engenhos e colonizadores. Quando os negros criavam uma ‘mentalidade’, no que diz respeito ao pertencimento de identidade sobre aqueles monumentos, eles iam tomando posses dessas igrejas e Nossa Senhora do Rosário era uma santa de muita devoção para eles, no entanto, depois do trágico episódio ocorrido entre os índios e os jesuítas e, ao observar que o povo não queria mais assistir as missas ali por conta das possíveis maldições que ficaram impregnadas no local e vendo que a capela ficou abandonada, os negros tomaram aquela situação para eles e se sentiram no direito de se apossar. Os negros começaram a chamá-la de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos”.*

A fala do padre é ratificada por Pedreira (1977, p. 30) ao expor que: “Em pouca distância do Santuário do Pilar, se vê a Casa da Senhora do Rosário. Esta igreja também é fabricada de pedra & cal. Dizem ser Igreja antiga, creyo se fundaria pelos anos de 1600 pouco mais ou menos... porque hoje já não sabe quem a fundou...”.

Ainda dentro do contexto do relato do pároco, a respeito da devoção dos negros e daí (supõe-se) o acréscimo ‘Pretos’ ao nome da capela Nossa Senhora do Rosário, Pedreira expõe:

Declara, ainda, frei Agostinho, por informação dada em 1720 pelo então Vigário padre Manoel Telles, que “... servem a esta Senhora os seos devotos Pretinhos daquelle districto, & o fazem com muita devoção & fervor, & não são sós (além dos Pretinhos) os moradores circunvizinhos...porque também os demais longe a buscão em suas necessidades”. (PEDREIRA, 1977, p. 30).

O local de devoção dos fieis à santa do Rosário não resistiu à evolução do tempo e se deteriorou, transformando-o em ruínas. O templo que, antes era considerado

um local de culto sagrado, atualmente se restringe a uma capela em ruínas condenada ao esquecimento.

Choay cita que:

Chegou o momento de não mais permitir a quem quer que seja que permaneça em silêncio. É necessário um grito universal [...]. Todos os gêneros de profanação, de degradação e de ruína ameaçam simultaneamente o pouco que nos resta [...] aos quais ao mesmo tempo se unem a memória dos reis e a tradição do povo. (HUGO, 1825 apud CHOAY, 2011 p. 111-112).

Os valores para preservação dos monumentos e patrimônios estão ligados a identidade afetiva e memorial, portanto, não podemos mais assistir o colapso monumental da nossa história de identidade sem fazermos nada.

## **CAPÍTULO II**

### **AS RUÍNAS DA CAPELA DO ROSÁRIO NO CONTEXTO DA VALORIZAÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIA DA CIDADE**

De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)<sup>6</sup> Santo Amaro tem uma população estimada em 59.512 habitantes e segundo informações do presidente da associação de bairros, Washington Luís de Jesus Alves, a estimativa populacional do Pilar são de 3.000 pessoas. De acordo com a cartografia do município, a delimitação territorial da comunidade inicia-se na ponte sobre o rio Traripe<sup>7</sup>, seguindo a Rua da Rodagem, na BA 420, estende-se até a entrada do bairro do Derba e pela linha do trem, seu limite é no Pontilhão do Caboclo. O rio Traripe atravessa a ponte que delimita as cidades de Santo Amaro e São Francisco do Conde, seguindo o percurso pelos quintais dos moradores da comunidade do Pilar, sua foz é no rio Subaé.

Santo Amaro é uma cidade que transpira cultura nos mais variados seguimentos como na capoeira, samba de roda, maculelê, grandes nomes da literatura, músicas e cantores famosos, além de construções seculares como o Solar Paraíso, Casa do Samba e as inúmeras igrejas distribuídas pela cidade. Todas elas, além de servirem de ponto turístico e cultural do município servem, sobretudo, para rememorar a história.

---

<sup>6</sup> IBGE (2018) – informações atualizadas e obtidas pelo site oficial do órgão e visita à instituição.

<sup>7</sup> Atualmente, a maioria da comunidade local denomina o rio Traripe como rio do Pilar.

Muitas vezes, a entrada da cidade traduz o que efetivamente ela é por dentro, Santo Amaro tem essa representatividade histórica logo de chegada. Uma estrutura monumental multissecular como as Ruínas da Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, considerada o marco zero da cidade, além de servir de chamariz cultural e turístico para cidade, fará com que a comunidade ao conhecer a sua história, através de um trabalho de educação patrimonial preserve e passe a admirá-la.

Segundo mestre Felipe<sup>8</sup>, em meados da década de 80, a escritora e professora Zilda Paim arriscou, algumas vezes, a implantação de um projeto para revitalização das ruínas da capela. Professora Zilda utilizou-se do prestígio que tinha perante o poder público municipal para colocar em prática o projeto que contava com uma pequena parte da população da cidade em uma caminhada que partia da igreja da Purificação, encabeçada por ela e pelo padre da época, por alguns capoeiristas como o próprio mestre Felipe, mestre Ferreirinha e seu grupo, e ainda, por algumas baianas<sup>9</sup>. Dias antes, o local era todo capinado e o interior da capela passava por uma limpeza, dando condições para realização do projeto. Depois da caminhada rumo às ruínas da capela, no local era realizada uma missa e depois aconteciam rodas de capoeira. Apesar do esforço da professora Zilda, o projeto nunca foi bem-sucedido, presume-se que nos períodos próximos as execuções dos trabalhos, não foram feitas divulgações do evento na comunidade local. Seu Jeorgino da Cruz<sup>10</sup>, morador da comunidade, relatou em entrevista que quando era jovem, na década de 70, chegou a assistir alguns batizados<sup>11</sup> naquela capela.

Como podemos perceber a tentativa de manter viva a história do seu povo através das ruínas vem de muitas décadas. Para isso Choay define:

Sua relação com o tempo vivido e com a memória, ou, dito de outra forma, sua *função antropológica*, constitui a essência do monumento. O resto é contingente e, portanto, diverso e variável. Já o constatamos no que diz respeito aos seus destinatários, e o mesmo acontece em relação aos seus gêneros e formas: túmulo, templo, coluna, arco de triunfo, estela, obelisco, totem. (CHOAY, 2006, p. 18).

Depois de muito tempo no esquecimento, as caminhadas voltaram e acontecem, pelo menos, uma vez por ano, geralmente, no período da Semana Santa. Segundo o padre Kleber, a data da procissão tem o viés ressonante e provocativo, com o

---

<sup>8</sup> Mestre Felipe foi nascido e criado no bairro do Pilar. É capoeirista e tem 91 anos de idade.

<sup>9</sup> Baianas: Mulheres vestida com trajes, geralmente, brancos e típicos das negras da Bahia, composto de saia comprida rodada, bata, turbante na cabeça e outros adereços característicos.

<sup>10</sup> Jeorgino da Cruz - Jorginho do Maculelê. É um agitador cultural, 70 anos de idade, nascido e criado no bairro do Pilar. Já foi vice - presidente da associação de bairros.

<sup>11</sup> Os batizados eram celebrações ecumênicas e/ou particulares que aconteciam esporadicamente no local.

propósito de mexer com a sensibilidade cristã das pessoas, levando-as a refletir e rememorar o passado histórico da cidade que norteia a capela. O ponto de partida é a igreja da Purificação ou do Rosário que, ao chegar às ruínas é celebrada uma missa e feito um rascunho do que foi a história daquele local. Para o padre, essas ações acontecem com o intuito de chamar a atenção dos órgãos públicos, mostrando que aquele local precisa ter um cuidado diferenciado pelo seu caráter histórico, pois, de acordo com a literatura, a formação dos costumes culturais e religiosos de Santo Amaro tem como referência a capela e seu entorno, conforme Reis discorre:

No interior das irmandades, dedicadas a diversos santos católicos, africanos de diversas nações, além de crioulos e pardos, desenvolveram práticas e enfrentaram situações semelhantes às suscitadas pelos acontecimentos de 1808 no Recôncavo baiano. Questões relativas à identidade e à diversidade étnicas e a alianças interétnicas foram constantes na vida dos irmãos negros, como o foram os enfrentamentos e as negociações com os brancos. As celebrações, divisões, alianças e conflitos nas ruas de Santo Amaro, quando vistos pelo ângulo do que acontecia dentro das irmandades, sugerem a existência de um conjunto de estratégias sociais que circulavam através do mundo negro no tempo da escravidão. (REIS, 1996, p. 3).

De acordo com o pároco, as procissões que ele liderou, atualmente estão tendo um efeito ressonante para os gestores do município. O governo atual<sup>12</sup>, ainda no início do mandato (2017), fez uma intervenção na área da capela, fazendo uma capinação geral, com objetivo de dar visibilidade ao local e colocou um gradil em redor das ruínas.

Segundo a assessoria de comunicação, o governo manifestou vontade de fazer a melhoria na área devido a representatividade histórica que o marco zero tem para a formação da cultura de Santo Amaro.

De acordo com informações da assessoria do município, existe um projeto que contempla a área das ruínas da capela do Rosário e o seu entorno, chamado “Portal da Cidade”<sup>13</sup> e o gestor municipal está dialogando com o Governo do Estado para por em prática o projeto.

Para o vereador Hélio Maury<sup>14</sup>, Não adianta pensar em história e cultura somente como fator monumental, é preciso pensar também em humanizar essas questões, seja em qualquer local da cidade sem se restringir apenas na comunidade onde

---

<sup>12</sup> Prefeito Flaviano Rohrs \_ eleito em 2016.

<sup>13</sup> O projeto ‘Portal da Cidade’ é um projeto oral e, supostamente, contempla o bairro do Pilar e área próxima da capela. Não existe um projeto no papel, diretamente, relacionado às ruínas da capela.

<sup>14</sup> Atuou como assessor do Secretário de Cultura no governo passado, entre 2010 e 2016. Atualmente representa a área da cultura na Câmara dos Vereadores de Santo Amaro.

está localizada a capela, visto que, toda obra física tem que vim com viés de pertencimento, principalmente de quem está no entorno, para que cada indivíduo tenha o entendimento de que está sendo inserido por oportunidade da questão sócio cultural.

Segundo o vereador Maury, para inserir as ruínas da capela num roteiro cultural, precisa-se estruturar o âmbito turístico do município estimulado pela Secretaria de Cultura. O vereador ainda afirma que tem turistas que veem para cidade reportados por agências, ressaltando que a cidade tem o curso de turismo ofertado pelo CEEP (Centro Estadual de Educação Profissional)<sup>15</sup> e se aproveitar esses profissionais, Santo Amaro terá uma extensa formação de mão de obra na área do turismo, aproveitando essas pessoas e construindo um desses roteiros, inserindo as ruínas da capela de forma programada e organizada, pois, trata-se de uma área afastada da cidade e precisa de uma demanda de transporte para o local.

A assessoria de comunicação do município concorda que precisa construir um roteiro turístico que dê suporte para que esse modelo funcione efetivamente. Convergente com o ponto de vista do vereador que afirma que se tiver uma estrutura montada para esse receptivo, o município já pode começar a montar as agências de turismos.

Ações como da professora Zilda Paim e alguns anos depois, das igrejas da Purificação e do Rosário, nos fazem entender que a memória monumental e patrimonial é de suma importância para a valorização do nosso território como identidade. Ainda que os aparelhos representativos nos tragam à tona uma história de subalternização. Podemos validar essas ações na leitura da edição de 1933 da Conferência de Atenas sobre a conservação dos monumentos de arte e de história, conforme Choay (2011, p. 159) exhibe: “A proteção dos monumentos de arte e de história preocupam, em muitos títulos e desde longo tempo, tanto os arqueólogos e historiadores quanto as próprias pessoas, ligados aos testemunhos de seu passado e, de um modo geral, aos de todas as civilizações. [...]”.

É preciso conhecer para poder conservar e admirar, não somente a referência física, a região além de aportar esse aparelho histórico precisa, sobretudo, valorizar o entorno, ou seja, trazer a comunidade para se envolver, desfragmentar a história e potencializar a questão social para que a comunidade tenha a sensação de pertencimento.

Segundo o presidente da associação do bairro do Pilar, Washington Luís, — “na cidade inteira o bairro carrega a fama de que só têm marginais, isso não é verdade,

---

<sup>15</sup> Curso de nível médio técnico do município.

aqui tem muita gente boa” —. A dura realidade é que devido à falácia estabelecida sobre a imagem do bairro, uma parcela dos habitantes tem vergonha de dizer que é morador do local. Para Washington Luís, de nada adiantará a revitalização na área das ruínas da capela se antes não fizer um trabalho de educação identitária dentro da comunidade, explicando a função protagonista que o bairro teve para a formação do município. A compreensão do presidente da associação do bairro é louvável, experimentei algumas conversas com moradores locais e a primeira impressão conferida foi de supressão naquela comunidade.

Para o presidente do Conselho de Cultura de Santo Amaro, Etelvino Góes Filho, é importante a inclusão das escolas no processo de preservação através da educação patrimonial. Um trabalho entre as secretarias de educação e da cultura em que possam criar uma rede de dinâmicas dentro das instituições de ensino fundamental e médio e da comunidade local. Fazer com que o processo histórico da capela seja pensado, desenvolvendo possibilidades para que os estudantes possam visitar o espaço designado da capela criando uma identidade com objetivo de dá visibilidade àquele equipamento monumental.

Um aspecto importante está na localização da capela, na questão urbanística e arquitetônica, partindo do raciocínio que Santo Amaro é uma cidade cultural e conhecida internacionalmente pela sua história. A entrada da cidade tende a ser um cartão de visitas, tendo em vista que a capela é considerada o marco zero do município.

Nem sempre o Pilar foi tido como a entrada principal da cidade. A entrada se dava por Oliveira dos Campinhos, distrito de Santo Amaro. Segundo Mestre Felipe, o Pilar era tido como o final da cidade de Santo Amaro, declarou ainda que a localidade era coberta de vegetações e que a própria capela era toda revestida de mato. Não existia um caminho desmatado que levasse a população para outro lugar, ou seja, outro distrito. Ainda de acordo com o mestre, só a partir da década de 60, com a construção das estradas municipais e estaduais foi transferida para o Pilar, a principal via de acesso da cidade para outros locais.

Quanto ao rio Traripe, o curso das suas águas se dá pelos fundos dos quintais das mesmas pessoas que desconhecem a história da capela, da localidade em geral e, principalmente, da sua importância na construção da identidade de Santo Amaro. De acordo com o presidente da associação do bairro, Washington Luís, a maioria dos moradores da comunidade desconhece o nome oficial do rio e, como uma forma de pertencimento, digamos assim, a comunidade o batizou como rio do Pilar. No entanto,

mestre Felipe expõe que — “Eu conheço esse rio desde menino como rio Traripe. Era um rio mais largo e de água limpa. A minha mãe e outras mulheres do bairro lavavam roupas lá e eu já tomei muito banho nele”.

A implantação de um projeto de revitalização daquela igreja seria bastante interessante, sobretudo, porque muita coisa da história de Santo Amaro se perdeu ali, praticamente, na origem da cidade. No período colonial, quando se construía uma igreja havia indícios de que ali desenvolveria uma população. Na época da colonização era fator preponderante a construção de uma igreja. A construção de um projeto de revitalização envolve vários aspectos dentro da cidade, como o geo demográfico por estar inserida a comunidade local e até mesmo todo o município; morfológico devida a análise estrutural que será feito da capela e o seu entorno e o arquitetônico e urbanístico que agregarão na estética visual da cidade.

Para Maury, é importante desenvolver uma política pública voltada a um trabalho de revitalização que agregue, dentre tantos fatores de benefícios, a potencialidade de reafirmar a intenção histórica da memória, turística e cultural. Para isso ele opina: — “Acho que deveria montar uma estrutura através de placas distribuídas no local contando a história por meio de textos desenvolvendo uma espécie de Parque Cultural”. Maury acredita que essas ações políticas trarão um protagonismo para o município e insere a comunidade ao seu meio cultural. A proposta do projeto ainda contaria com a comercialização de produtos da região, como artesanatos e souvenirs. — “Um projeto como esse implantado no entorno das ruínas da capela, fará com que o turismo, a economia, a cultura, a história e a memória da cidade tomem um lugar de protagonismo”, finaliza Maury.

Infelizmente, não existe registro de tombamento das ruínas da capela, nem a nível municipal, estadual ou federal, mas qualquer cidadão do município pode dispor dessa competência, desde que tenha interesse de transformá-la em um patrimônio histórico da memória. Precisa seguir alguns passos, dentre eles estão inseridos a confecção de um projeto de lei com a indicação de transformar o monumento em um patrimônio histórico do município, com todas as justificativas explicando a importância de salvaguardá-lo, depois leva para a Câmara de Vereadores para discutir o projeto. Se a câmara aprovar vai para as mãos do prefeito para sancionar como lei tornando aquele espaço em um patrimônio histórico cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve o caráter meramente pedagógico de conhecer a história do surgimento da capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, com intuito de refletir e fomentar uma relação identitária e cultural não só para a comunidade local, mas, toda a população do município de Santo Amaro.

Por falta de registros oficiais datados da época, embasei a minha pesquisa em publicações, livros antigos, conversas com historiadores, moradores da cidade e do bairro e pesquisa *in loco*. Desenvolvi possibilidades de vertentes que norteavam a história da mesma e entrevistei gestores e autoridades do município e a sociedade civil, colocando questões discursivas, tais como:

1. Quais são os critérios necessários para transformar uma construção secular em patrimônio cultural?
2. O que uma construção como a capela pode agregar de positivo para o município?
3. Como a revitalização do monumento pode ser positiva para cidade?
4. Porque a capela ainda não se encontra no roteiro cultural do município?

Busquei desenvolver uma narrativa mais condizente com a realidade da cidade, conclusiva na minha análise através das características físicas e étnicas da população santamarense, vistas na culinária, na religião e nos fazeres e costumes que foram deixados como herança dos nossos ancestrais indígenas e negros africanos na época da colonização. Propus um projeto de revitalização para dar visibilidade ao local, com a intenção de acabar com a pecha que foi desenvolvida sobre a imagem local e os seus habitantes.

A minha proposta foi de trazer à tona uma reflexão sobre a formação da população de Santo Amaro através da história da capela e as possibilidades de revitalização, fazendo as pessoas perceber o seu passado através de um monumento para valorização e fortalecimento da identidade individual e coletiva. Conforme descreve Choay:

O monumento tem por finalidade fazer reviver um passado mergulhado no tempo. O monumento histórico relaciona-se de forma diferente com a memória viva e com a duração. Ou ele é simplesmente constituído em objeto de saber e integrado numa

concepção linear do tempo – neste caso, seu valor cognitivo relega-o inexoravelmente ao passado, ou antes a história em geral, ou a história da arte em particular[...]. (CHOAY 2006, p. 26).

As escolas do município tem um papel fundamental na construção do conhecimento histórico da capela, no seu legado, na transmissão do saber e na conscientização da preservação. A identidade de um monumento tem relação direta com a identidade da comunidade local. Seria interessante que a secretaria de educação do município, por meio do seu representante, fizesse um mapeamento da história que envolvesse aquela ruína. Pesquisar a relação entre a capela e a comunidade e saber quem são essas pessoas que as integram. Envolver os alunos dos ensinos fundamentais e médio, principalmente da comunidade onde está localizada a ruína, num processo de educação patrimonial para ficarem aptos a atuarem como transmissores da história da capela, criando um *logos* para o fortalecimento da memória coletiva e de identidade na comunidade.

São as construções religiosas de uma cidade que, geralmente, tendem a contar a história daquele lugar, elas representam o objeto físico da memória individual e coletiva de um povo com a sua cultura e com a sua identidade local. Sendo assim, na minha narrativa tentei ser o mais fiel e respeitosa, possível, com os personagens da história, ou seja, os índios e os negros.

O que está em xeque é a diluição da memória, afetiva, coletiva, identitária, monumental e histórica. Revitalizar é, portanto, suscitar o sentimento na comunidade de pertencimento através do monumento. Concluo, dizendo que a perda da memória é medida pela dose de importância que ela teve na história. Proponho, humildemente, a ideia de construção de uma área de camping para caminhadas e lazer com o intuito de tirar a obscuridade periférica do local. Choay (2011 p.165) “não haveria cultura se não houvesse lazer. Mas não são os lazeres que fazem a cultura. São os lazeres que fazem os meios da cultura. [...]”.

Preservar é legitimar o território dos moradores pertencentes do local. É importante também refletir sobre o papel dos colonos na nossa formação. Querer conhecer a minha história identitária, não quer dizer que estou me curvando ao poder dos dominadores imperialistas, mas também mostrar a resistência daqueles dominados na legitimação da resistência do lugar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

VIANNA, Francisco Vicente. **Memória sobre o Estado da Bahia**. Typographia e Encadernação do Diário da Bahia – Praça Castro Alves, 101. 1893.

PEDREIRA, Pedro Tomás. **Memória histórico-geográfica de Santo Amaro**. Brasília: (Centro Graf. Senado Federal). Publicação 1977.

LEAL, Herundino da Costa. **História de Santo Amaro**. Imprensa Oficial da Bahia, 1964 - Santo Amaro (Bahia, Brazil).

REIS, João José. **Identidade e Diversidade Étnicas nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º. 3, 1996, p. 7-33

CHOAY, Françoise, 1925. **O patrimônio em questão: antologia para um combate**. Tradução João Gabriel Alves Domingos. – Belo Horizonte. MG: Editora Fino Trato, 2011.

CHOAY, Françoise, 1925. **A alegoria do Patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. 3. Ed. - São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

Arquivo Público Municipal

Biblioteca – Centro Referencial de Documentação de Santo Amaro (historiador Raimundo Arthur)

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/61/servico-do-patrimonio-historico-e-artistico-nacional-sphan-1937-1946>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/santo-amaro/panorama>

<https://www.google.com.br/maps/bairro/pilar>

Imagens do arquivo pessoal da autora (2018)

Imagens aéreas (via drone) / créditos Jakson Adlerme

## **COLABORADORES**

Mestre Felipe de Santo Amaro (91 anos, nascido e criado no bairro do Pilar)

Jeorgino da Cruz (Jorginho do Maculelê 70 anos, nascido e criado no bairro do Pilar)

Dona Milu (71 anos, nascida e criada no bairro do Pilar)

Padre Kleber Santana (Paróquia de Nossa Senhora do Rosário – 140 anos de evangelização)

Vereador Hélio Maury

Prefeitura Municipal de Santo Amaro/ Assessoria de Comunicação

Conselho Municipal de Cultura (presidente Etelvino Góes Filho)

Washington Luís de Jesus Alves (presidente da associação de bairros)  
(OMBP) Organização dos Moradores do Bairro do Pilar  
Fundada em 05 /10/2003 \_ CNPJ: 06.127.319/0001-69

## ANEXOS

**Figura 1: imagem atual das ruínas da capela do Rosário**



Fonte: foto do arquivo pessoal da autora (2018)

**Figura 2: lateral das ruínas da capela do Rosário**



Fonte: foto do arquivo pessoal da autora (2018)

**Figura 3: imagem atual do rio Traripe**



Fonte: imagem retirada do fundo do quintal de uma moradora (Dona Milu). Arquivo pessoal da autora (2018)

## APÊNDICES

**Figura 4: visão aérea das ruínas da Capela**



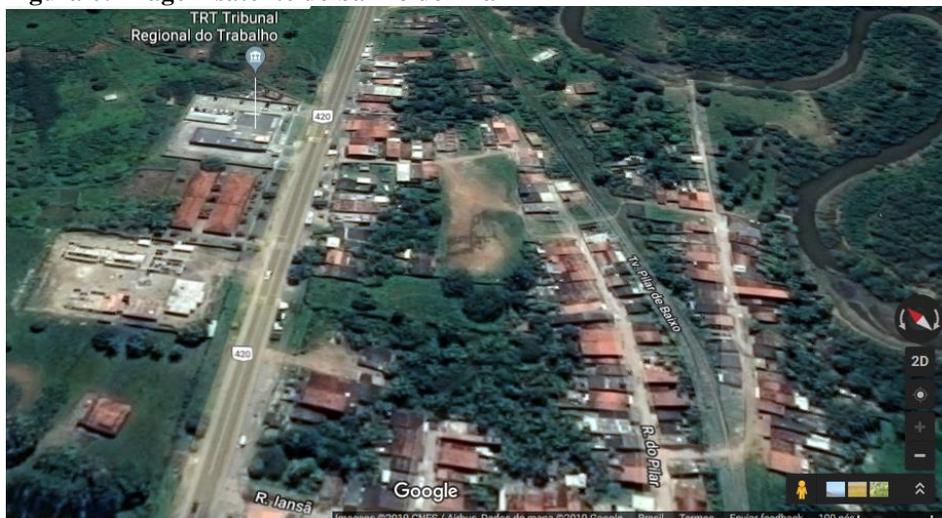
Fonte: foto via drone /créditos Jakson Adlerme (2018)

**Figura 5: visão aérea lateral das ruínas da capela**



Fonte: foto via drone /créditos Jakson Adlerme (2018)

**Figura 6: imagem satélite do bairro do Pilar**



Fonte: Google Maps (<https://www.google.com.br/maps/bairro/pilar>)